

## **AFROLETRAMENTO DE CRIANÇAS: RECONHECENDO NOSSA ANCESTRALIDADE E CONSTITUINDO IDENTIDADES**

Antonia Fernandes Ferreira <sup>1</sup>  
Gessica Nunes Noronha <sup>2</sup>

### **RESUMO**

Este trabalho apresenta uma sequência de atividades pedagógicas com referências negras, africanas e afro-brasileiras desenvolvidas em uma escola pública municipal de Fortaleza/Ce. Tem como objetivo relatar as vivências e refletir sobre os impactos na construção identitária, bem como no afroletramento dos envolvidos, tendo como base autores como Candau (2012), Freire (2011), Hall (2006), Petit (2015), dentre outros. Tais atividades foram vivenciadas por meio de um projeto afroreferenciado com crianças de quatro a sete anos de idade, em um período de 15 dias. O ápice do projeto ocorreu no dia “D” da leitura. Este evento faz parte do calendário letivo do mês de abril da Secretaria Municipal de Educação (SME). As referências que fundamentaram os estudos foram autoras/es de literatura infantil a exemplo de Kiusam, Bell Hooks, dentre outros. A metodologia do trabalho é qualitativa (MINAYO, 2001) constituindo um relato de experiência. As atividades realizadas no projeto mencionado foram centradas no reconhecimento identitário das crianças e na valorização da cultura africana e afro-brasileira. Nas vivências foram abordados aspectos como origens identitárias, ancestralidades, virtudes e valores, com ênfase nos costumes africanos, afro-brasileiro e indígena. Nesse sentido, consideramos esse trabalho de grande relevância, pois trata de ações pedagógicas voltadas para afroletramento e para a promoção de uma educação para as relações étnico-raciais, bem como o cumprimento das leis 10.639/03 e 11.645/08. Assim, entendemos que é nosso compromisso e responsabilidade promover uma educação que reconheça e valorize as nossas identidades, as raízes culturais africanas e indígenas.

**Palavras-chave:** Afroletramento, Relações étnico-raciais, Identidade, Ancestralidade.

### **INTRODUÇÃO**

Construir uma imagem positiva de si e do outro, reconhecendo e valorizando as múltiplas características que constituem o nosso povo na sua diversidade cultural, étnica e racial, é essencial para o respeito às diferenças e para construção identitária, o senso de pertencimento das/dos sujeitos, desde a infância, principalmente as crianças negras.

Dessa forma, entra em cena a relevância de ações educativas que coloquem em debate temáticas de cunho sociocultural, a partir do valor de cada povo, de cada cultura que constitui o patrimônio histórico e a memória da nossa ancestralidade. Do mesmo modo, fornecer um retrato mais justo e apropriado de nossas origens, visando reconstituir

---

<sup>1</sup> Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Vale do Acaraú - UVA; Mestra em Ensino e Formação Docente pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, [antoniaferr72@gmail.com](mailto:antoniaferr72@gmail.com) ;

<sup>2</sup> Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará - UFC; Mestra em Educação pela Universidade Estadual do Ceará - UECE, [gessicanoronha10@gmail.com](mailto:gessicanoronha10@gmail.com) .

a nossa matriz identitária multifacetada, diversa e plural, como afirma Vera Candau (2012). Tudo isso, materializando-se em um conjunto de princípios, valores e atitudes concretas.

Com isso, concordamos com a afirmativa de Ferreira (2000, p. 47) de que a “identidade é considerada um referencial em torno da qual o indivíduo se autorreconhece e se constitui a partir de sua relação com o outro”. Nesse sentido, podemos falar de uma identidade cultural que consiste em “uma modalidade de categorização da distinção/nós/eles, baseada na diferença cultural.” (CUCHE, 1999, p. 177)

Posto isso, entendemos que a escola e conseqüentemente, o trabalho docente têm o papel essencial de desenvolver junto às crianças, desde bem pequenas, ações pedagógicas que favoreçam a constituição identitária, o reconhecimento e a valorização das nossas raízes indígenas africanas e afrodescendentes, formadoras da nossa sociedade brasileira. Dessa forma, Paulo Freire (1983) nos alerta que ensinar exige reconhecimento e aceitação da identidade cultural.

Nessa mesma linha, Aquino (1998) assegura que, a escola deve acolher as diferenças humanas e sociais enraizada na diversidade do seu público, entendendo “o lugar a partir do qual se engendram novas diferenças, se instauram novas demandas, se criam novas apreensões sobre o mundo já conhecido” (AQUINO, 1998, p. 138).

Nessa perspectiva, também entra em jogo a importância de conter nesse processo de ensino e aprendizagem: a memória, a ancestralidade, a oralidade, o corpo como fonte de aprendizagem, dentre outros princípios e valores da Pretagogia<sup>3</sup>, referencial teórico-metodológico de base africana. Dando destaque a ancestralidade, ela trabalha com a memória, com a construção de conhecimentos, com as heranças dos ensinamentos das/dos mais velhas/os, dos nossos antepassados, como afirma Sandra Petit (2015). Por isso a memória contribui na construção da nossa identidade.

Sob tal aspecto, neste trabalho descreveremos experiências pedagógicas concretizadas com crianças de quatro (04) a sete (07) anos de idade, discentes de uma escola municipal de Fortaleza/Ce. Tem como objetivo, além de relatar as vivências, refletir sobre seus impactos na construção identitária, bem como no processo de

---

<sup>3</sup> Pretagogia - Referencial teórico- metodológico - uma pedagogia de base africana, capaz de potencializar os currículos escolares; fortalecer práticas educativas de valorização dos costumes da cultura africana e afro-brasileira, dando valia a Lei nº10.639/03, assim como a Lei nº 11.645/08. As idealizadoras desse referencial teórico são as professoras Sandra Petit, Geranilde Costa, com a contribuição de Rebeca Meijer (PETIT, 2015)

afroletramento das/os sujeitas/os envolvidos.

Sobre o afroletramento, Elizabeth Nascimento afirma que “se constitui como um “lugar” de encenação dos processos identitários e de identificações capazes de dessubalternizar as contribuições de matrizes africanas e de promover práticas de compartilhamento em sala de aula” (NASCIMENTO, 2010, P. 5)

Portanto, entendemos que o afroletramento deve ocorrer ao mesmo tempo, e com o mesmo compromisso, dos diversos letramentos, pois muito se fala de letramento, associado-o a alfabetização, no entanto Magda Soares aponta que embora sejam dois processos distintos, ambos são considerados simultâneos e indissociáveis no decurso de ensino e aprendizagem sobre a leitura e a escrita (SOARES, 2021).

Nesse movimento, porque não inserimos no contexto de ensino e aprendizagem referências africanas? Porque não colocarmos no centro do debate saberes e fazeres advindos do berço das nossas ancestralidades, que é África?

Para Ferreira (2024, p. 54)

Este conceito ou esta proposta metodológica de ensino surgem da necessidade de se inserir, no processo de ensino e aprendizagem, a história e a cultura de matriz africana em práticas escolares; pensar em ações pedagógicas na perspectiva afrorreferenciada<sup>4</sup>, ou seja, um tipo de letramento centrado nas referências africanas e afro diaspóricas, perseguindo o que está disposto na Lei 10.639/03.

Nesse sentido, esses processos cognitivos e linguísticos ganham amplitude, mostrando que “é possível letrar-se no mosaico de referencialidades de matriz africanas, possibilitando o amplo conhecimento”, como assevera (NASCIMENTO, 2010, P. 5).

De tal maneira, precisamos nos munir de currículo escolar que atende às diversas culturas deixando para trás o modelo eurocêntrico que nos acompanha há séculos. Segundo Rebeca Meijer (2019, p. 85), um currículo assim pensado:

Deve partilhar o saber-fazer pedagógico entre os que fazem parte da coletividade, rompendo com a lógica ocidental da hierarquia da verticalização. Um currículo de Cosmovisão africana é um currículo que dialoga também com as diferenças étnico-raciais respeitando a diversidade cultural que há na sociedade brasileira.

Com esta finalidade as atividades vivenciadas tiveram como principal suporte teórico metodológico o Caderno de Orientação Pedagógico “Sequências Didáticas para o Afroletramento de crianças, desde a literatura afro-brasileira para uma educação das relações étnico-raciais”, por (FERREIRA, 2024). O caderno dispõe de duas sequências didáticas a serem trabalhadas com discentes da Educação Infantil e as séries iniciais do

---

<sup>4</sup>Afrorreferência (PETIT, 2021).

Ensino Fundamental e leituras complementares para as/os docentes.

As ações foram planejadas e realizadas mediante a necessidade de construir imagens positivas do ser negro na nossa sociedade; para o enfrentamento das questões étnico-raciais, promover o afroletramento das crianças e para a construção e o fortalecimento da sua identidade étnico-racial. Para isso, utilizamos como recurso didático a literatura infantil com protagonistas negros, como mencionado anteriormente.

Como metodologia utilizamos uma abordagem qualitativa, baseada em um relato de experiência. Esse modelo de pesquisa traz maior dinamismo ao âmbito da pesquisa, auxiliando na compreensão mais aprofundada dos resultados, como afirmam (MINAYO, 2011; DIEHL; TATIM, 2004).

Dando continuidade ao trabalho, apresentaremos o percurso metodológico. Em seguida os resultados e discussões, por fim as considerações finais e as referências.

## **METODOLOGIA**

Diante do exposto iremos apresentar o percurso metodológico das sequências de atividades pedagógicas. Antes, uma breve descrição da escola, cenário da realização das experiências relatadas, e do perfil dos alunos atendidos na unidade educacional.

A citada escola é gerenciada pela rede pública municipal, localizada em uma região periférica de Fortaleza/CE. Atende aproximadamente 395 crianças de 4 a 8 anos de idade, cursando da Educação Infantil (infantil 4 e 5) a séries iniciais do Ensino Fundamental (1º e 2º ano).

As atividades relatadas adiante, foram realizadas em um período de duas semanas, do primeiro semestre letivo do ano de 2024, como parte de um projeto para o “Dia D da leitura”, evento do calendário letivo da Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza (SME). Com isso, as atividades tiveram o propósito de fortalecer práticas pedagógicas para a promoção de uma educação para as relações étnico-raciais por meio do afroletramento.

Toda a escola realizou o projeto mencionado, no entanto as experiências aqui tratadas ocorreram com quatro (04) turmas do 1º ano do Ensino Fundamental e duas (02) turmas de infantil 4, de maneira concomitante.

Inicialmente nos aprofundamos em estudos sobre a temática em pauta. Reunimos obras literárias com conteúdo afro, disponíveis na escola, e do acervo pessoal das professoras (que por sinal, bem reduzido em relação às outras temáticas). Nesse rol

de material utilizamos o Caderno de Orientação Pedagógico, já mencionado, tendo como base, duas sequências didáticas. No conjunto de atividades iremos destacar algumas realizadas em diferentes turmas-séries e outras executadas de forma coletiva, incluindo familiares, como apresentaremos a seguir:

**A primeira sequência didática ocorreu com as turmas do Infantil 4.** Trata-se do **conto infantil “Uma Princesa diferente?” Cristiane Sousa (2018)**. O texto mostra uma menina de pele escura, que desde bem pequena seus pais a chamavam de Princesa Ana. Na escola, ela ouvia muitas histórias de princesas de cabelos lisos, pele e olhos claros, nenhuma a representava. Com isso, Ana ficou triste e desmotivada. Um dia Ana foi surpreendida pela sua professora que apresentou para ela e a turma várias princesas de diferentes lugares e etnias.

No primeiro momento da sequência de atividades fizemos a **leitura da história** para as crianças. Na rodinha, iniciamos com o suspense sobre o livro e também perguntando sobre as características de uma princesa. Como o esperado, a maioria falou sobre cabelo liso e loiro, olhos e pele clara. No momento da leitura foi possível ver reações de espanto como se não fosse possível existir uma princesa de pele tão escura.

Após a leitura houve uma **roda de conversa**. Esse momento foi importante para falarmos das realidades africanas e também das riquezas culturais deste continente, que muito nos atravessam. Ainda sobre “uma princesa diferente” destacamos as suas características e origem. As crianças também falaram sobre seus traços físicos e suas referências familiares: pais, irmãos e avós. Nesse momento também reforçamos sobre as diferentes tonalidades da pele, oportunidade para desmistificar sobre “o lápis cor de pele”. Ressaltamos ainda a perspectiva da descendência africana que a história enfatiza.

Na atividade seguinte foi produzido o **autorretrato**. Primeiro estimulamos a memória, retomando a história. Solicitamos que as crianças recontassem a história conforme íamos apresentando as imagens do livro. Depois disponibilizamos materiais para a produção do autorretrato: folha, lápis de cor, giz de cera, fios de lã, espelho para que se olhassem, entre outros. Nesta ação elas puderam desenhar, pintar, colar de forma lúdica e livre, utilizando os diversos materiais disponíveis, a fim de expressar a sua identidade.

Dando continuidade, trabalhamos com elementos do conto, como foi o caso da produção de coroas junto com as crianças. Neste momento trouxemos a atividade com o intuito de falar sobre força e poder feminino, ressaltando a possibilidade de que todos, sem distinção, têm uma realza ancestral dentro de si.

Outro trecho do conto fala sobre noite escura estrelada, destaca no trecho “ela nasceu em uma noite escura e estrelada” (SOUSA, 2018, P. 8). A partir deste poético trecho do livro, construímos estrelas com a imagem das crianças, d

**A segunda sequência didática foi realizada com turmas do 1º Ano. Refere-se a história “Com qual penteado eu vou? ” Kiusam de Oliveira (2021).** Esta narrativa traz o aniversário de 100 anos do bisavô Benedito. A história promoveu encantamento com o contexto festivo de uma família africana, no qual os bisnetos apresentavam belos penteados, dizendo o nome, origem e significado, ao mesmo tempo oferecendo virtudes como presente para o bisavô.

Primeiro reunimos as crianças em uma grande roda no chão para a **leitura do conto**. Nessa mesma organização fizemos um **momento de diálogo**, destacando os principais temas evidenciados no decorrer do texto. Foi um momento de enriquecimento e ampliação dos diálogos, pois foram abordadas questões sobre a autoestima, negritude, ancestralidade, família, amizade, representatividade, diversidade, entre outros.

Na atividade seguinte, foi realizada uma **pesquisa sobre a origem e o significado dos nomes** das crianças, com a participação da família. Esta foi uma oportunidade de, além de conhecerem a origem e o significado do próprio nome, entenderem sobre o processo de escolha: reconhecer a importância do mesmo como parte da sua identidade.

Dando continuidade às ações pedagógicas, retomamos o conto para falarmos sobre as características físicas dos personagens apresentados. Nesta atividade prezamos por evidenciar a cor da pele, cor dos olhos, curvatura do cabelo, dentre outros. Foi realizada a **produção do autorretrato, p**

ara que as crianças se percebessem como seres únicos e respeitassem as diferenças, favorecendo assim, a formação de identidades positiva de si e dos outros.

#### **Atividades coletivas:**

Outra atividade bastante significativa foi o **Chão redondo**<sup>5</sup> Este momento ocorreu de forma unificada, no pátio da escola. Contou com a participação de uma grande parceira da escola: ex-bolsista de graduação do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID), pela Universidade Federal Do Ceará (UFC), hoje professora em uma instituição privada. Uma mulher negra que trouxe com ela muita força e representatividade negra, não só na aparência, mas na sua história de vida como uma

---

<sup>5</sup> “Chão redondo”- O conceito foi criado pela professora e pesquisadora Rebeca de Alcântara e Silva Meijer, uma das iniciadoras da Pretagogia - Referencial teórico-metodológico (PETIT, 2012). Diz respeito à reunião de grupo, sentado em círculo no chão, partilhando saberes (MEIJER, 2022).

jovem de trinta e um (31) anos, estudante de escola pública, graduada e atuando como pedagoga, artista na arte de cantar e que apresenta resistência e empoderamento também nos seus cabelos crespos que um dia foram “alisados” para atender as cobranças e os padrões da sociedade, representando hoje beleza e superação.

Durante todo o diálogo, muitas crianças participaram fazendo questionamentos e relatando suas vivências. A importância da troca de diálogos durante o chão redondo favoreceu a expressão dos alunos, desenvolvimento da oralidade, a reflexão e construção de conhecimentos por meio de uma conversa horizontal (CHAER; GUIMARÃES, 2012) entre as crianças e a professora convidada.

Após o chão redondo, ocorreu a **Oficina de penteados** com a colaboração de familiares. Para esta ocasião foi montado um espaço contendo espelho, adereços de cabelo, escova, pente, gel, tecidos coloridos e outros acessórios necessários. Alguns familiares e professores compareceram para participar/ajudar na organização da oficina. Inicialmente foi conversado em um grande chão redondo sobre os cuidados e os diversos tipos de cabelos, sempre com o intuito de valorizar e enaltecer as especificidades de cada uma e cada um ali presente. Após a conversa, os adultos, familiares e professores ajudaram nos penteados das crianças, tanto os meninos quanto as meninas solicitaram alguns modelos disponíveis em fotos no mural da sala ou explicavam as preferências. Foi um momento de grande empolgação, autocuidado, aprendizado e fortalecimento da autoestima.

#### **Atividades com familiares:**

Nesta atividade, familiares de todas as crianças da escola foram convidadas para participar de uma formação sobre o processo de autodeclaração racial e sua importância no que tange ao seu pertencimento étnico-racial. Foi lido o conto “A Cor de Coraline” de autoria de Alexandre Rampazo (2017) e em seguida apresentados os slides com informações necessárias para a compreensão sobre suas características de identificação, autoconhecimento e autodeclaração.

#### **Culminância do projeto Dia D da Leitura**

Para este momento de encerramento foram expostos no pátio da escola, vários painéis das atividades produzidas pelos alunos no decorrer das duas semanas.

Na ocasião, toda a escola se mobilizou para apresentar os trabalhos realizados pelas turmas, pois é um evento que conta com a participação da comunidade local. Além da visita das famílias para apreciação dos trabalhos expostos, houve uma contação da

história “Meu crespo é de rainha” da autora Bell Hooks, e apresentação cultural do capoeirista e mestre da comunidade (Paiakan) com roda de capoeira e demonstrações de elementos e objetos da cultura afroindígena.

As atividades permaneceram expostas, para apreciação dos demais alunos e comunidade escolar como um todo.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

As diversas vivências pedagógicas envolvendo referências e valores das culturas africana e afro-brasileira motivaram as crianças a quererem saber mais sobre seus ancestrais, falar sobre as pessoas mais velhas com respeito e admiração pelas suas experiências.

A temática causou inquietação nas crianças e também nos adultos da escola, considerando que o nosso público de estudantes e professoras, juntamente com os demais funcionários, na sua maioria, são negros, estes se sentiram instigados a pensar e conhecer as suas origens e seu pertencimento racial.

Nesse sentido, gostaríamos de destacar que a escola já vem desenvolvendo ações formativas para o afroletramento de docentes e discentes. Por esse motivo este ano recebeu o Selo Escola Antirracista, iniciativa de reconhecimento da CODIN (Coordenadoria de Diversidade e Inclusão) da SME, como reconhecimento pelas ações realizadas e compromisso em debater e construir uma sociedade antirracista.

Com isso ressaltamos que os trabalhos com leitura e contração se história, produção de autorretratos e círculo de diálogo proporcionaram uma maior aproximação com a temática e promoveram diversas aprendizagem sobre autoconhecimento, valores, origens e significado dos nomes.

A oficina de penteado fortaleceu o debate que já vem sendo recorrente na escola em outras ações de valorização das identidades negras e o respeito às diferenças, e foi um momento de fortalecimento das crianças e famílias pela importância de valorizar as origens e as características individuais.

As ações também oportunizaram aos participantes a constituição da identidade étnico-racial, pois muitos sequer falavam, pensavam sobre os aspectos culturais e raciais. Por isso, a importância da formação com os pais sobre a autodeclaração racial, pois sabemos o quão necessário é esse processo para as pessoas negras e não negras, pois de posse desse conhecimento podemos discutir o racismo e o privilégio das pessoas brancas,



temas que também foram contemplados, de forma não propriamente nomeada, mas em algumas falas e comportamentos que foram percebidos.

Consideramos que os objetivos foram alcançados, as práticas pedagógicas para a promoção de uma educação para as relações étnico-raciais se fortaleceram e se sobressaíram, pois houve o engajamento de todas/os por meio do afroletramento.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Consideramos que este trabalho foi de grande relevância, pois tratou de um tema que desperta inquietações e curiosidades no processo de autoconhecimento, bem como a valorização das nossas raízes e o acolhimento de identidades plurais, somando-se a outras possibilidades no que se refere a escola e a sociedade culturalmente diversa como um todo.

Dessa forma, ainda ressaltamos a reflexão proporcionada aos professores e grupo escolar sobre a importância da inclusão do tema de forma efetiva nas ações didático pedagógicas ofertadas no ambiente escolar, validando de fato o que dispõe a Lei nº 10.693/03 e 11.645/08, que preconiza o Ensino da História e da Cultura Africana e Afro-Brasileira e Indígena nas escolas.

Assim, concluímos que o referido trabalho favoreceu o despertar para o autoconhecimento e valorização cultural dos estudantes e demais participantes, podendo eles, ser instrumentos da luta pelo respeito à diversidade e as práticas culturais dos diferentes grupos e que estejam comprometidos com uma educação igualitária e justa e que sejam sujeitos ativos na construção de uma sociedade mais justa.

## **REFERÊNCIAS**

AQUINO, J. G. **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1998.

CANDAU, Vera Maria. Diferenças Culturais, Interculturalidade e Educação em Direitos Humanos. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 33, n. 118, p. 235-250, jan.-mar. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v33n118/v33n118a15.pdf> Acesso em: 01 nov. 2020.

CHAER, Mirella Ribeiro; GUIMARÃES, Edite da Glória Amorim. A importância da oralidade: educação infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental. **Pergaminho**, n. 3, p. 71-88, 2012.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

DIEHL, A. A., TATIM, D. C. Metodologia, método e técnicas de pesquisa In: \_\_\_\_\_ **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas.** São Paulo: Prentice Hall, 2004. Cap 4, p. 47-88.

FERREIRA, A. F. **Pretagogizando para o Afroletramento: ações pedagógicas desde a literatura afro-brasileira para uma educação das relações étnico-raciais de docentes e discentes de uma escola pública de Fortaleza/Ce.** 2024. Dissertação (Mestrado) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), em parceria com o Instituto de Educação, Ciências e Tecnologia do Ceará (IFCE) - Programa Associado de Pós-graduação em Ensino e Formação Docente. Redenção/CE, 2024.

FERREIRA, A. F. **Sequências didáticas para o Afroletramento de crianças, desde a literatura afro-brasileira para uma educação das relações étnico-raciais** - Caderno de Orientação Educacional - Produto Educacional de Mestrado – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) em parceria com o Instituto de Educação, Ciências e Tecnologia do Ceará - Programa Associado de Pós-graduação em Ensino e Formação Docente. Redenção/CE, 2024.

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afrodescentende: identidade em construção.** São Paulo: EDC/FAPESP. Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

FREIRE, P. Educação como prática de liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

HOOKS, Bell. **Meu crespo é de rainha.** São Paulo: Boitatá, 2018.

MEIJER, Rebeca de Alcântara e Silva. Valorização da cosmovisão africana na escola: narrativa de uma pesquisa-formação com professoras piauienses. 2012. 195f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2012.

MEIJER, Rebeca de Alcântara e Silva. **Valorização da cosmovisão africana na escola.** Curitiba: Appris, 2019.

MINAYO, Maria C. de S. Importância da Avaliação Qualitativa combinada com outras modalidades de Avaliação. **Saúde & Transformação Social**, v.2, n.2, p. 2-11, 2011.

NASCIMENTO, E. Afroletramento docente. 2010. Disponível em: <https://afrocentricidade.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/03/afroletramento-docente-elisabete-nascimento.pdf> . Acesso em: 12 jan. 2023.

OLIVEIRA, K. **Com qual penteado eu vou?** 1ª edição. São Paulo. Editora Melhoramentos, 2021.

PETIT, S. H. **Pretagogia: pertencimento, corpo-dança afroancestral e tradição oral africana na formação de professores e professoras.** Fortaleza: Eduece, 2015.

PETIT, S. H. Pretagogia, Ancestralidade e Educação. Canal Pensar Africanamente. **Youtube**, 24 abr. 2021. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=YxL5md18HSQ&ab\\_channel=PensarAfricanamente](https://www.youtube.com/watch?v=YxL5md18HSQ&ab_channel=PensarAfricanamente) . Acesso em: 5 fev. 2023.

RAMPAZO, Alexandre. **A cor de Coraline.** Rio de Janeiro: Lendo e aprendendo, 2017.



SOARES, M. **Alfabetrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. 2ª Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.

SOUSA, Cristiane Bezerra de. **Uma princesa diferente?** ilustrações de Nathália Forte. Fortaleza: SEDUC, 2018.